



# Nas bancas

## Lingüista analisa mensagens deixadas por jovens no Orkut

RAQUEL DO CARMO SANTOS

kel@unicamp.br

A lingüista Monica Vasconcellos Cruvinel analisou os rastros virtuais deixados nas páginas do Orkut – plataforma de relacionamentos da internet – por adolescentes que se suicidaram. No estudo desenvolvido no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), para obtenção do título de mestre, Mônica analisou 18 casos de adolescentes, na faixa etária entre 13 e 20 anos, que se suicidaram, e nas mensagens deixadas para os amigos, anunciaram o desejo de morrer. A seleção do material foi feita a partir das páginas das pessoas que, embora mortas, não tiveram seus perfis excluídos do site pelo desconhecimento da senha de acesso por parte de amigos e familiares do usuário.

Monica acredita que o Orkut tem se constituído como um espaço de sociabilidade importante de produção e circulação dos discursos dos jovens e, muitas vezes, não tem merecido a atenção necessária por parte dos profissionais que trabalham com adolescentes. “No Orkut, os jovens interagem sem a mediação dos pais, professores, psicólogos, médicos etc.. Encontram liberdade para falar dos seus sentimentos e de suas necessidades. Por isso, defendo que devemos olhar para internet como um espaço de escuta. Apenas a criação de normas para regulamentar o site não vai evitar que os jovens encontrem outros espaços para anunciarem suas próprias mortes. É preciso navegar com eles”, avalia a lingüista que foi orientada pela professora Maria Bernadete Marques Abaurre, e co-orientada pelo professor Neury José Botega, da Faculdade de Ciências Médicas (FCM).

Os jovens analisados pertenciam à classe média e eram usuários assíduos da internet. Ela relata que alguns chegavam a passar em torno de 20 horas navegando. Nas mensagens sempre apareciam elementos e indícios que apontavam para solidão, impossibilidades de cumprir desafios, a falta de perspectiva para o futuro e situações amorosas complicadas. “Cada sujeito é singular, mas muitas vezes o motivo apontado era apenas justificativa superficial para o ato. Um exemplo foi um garoto de 13 anos que falava muito do sofrimento causado por uma separação iminente com a namorada e, por isso não queria mais viver. Quando investiguei o caso, percebi que, em algumas mensagens escritas por ele, existiam indícios de que ele era vítima de violência doméstica”.

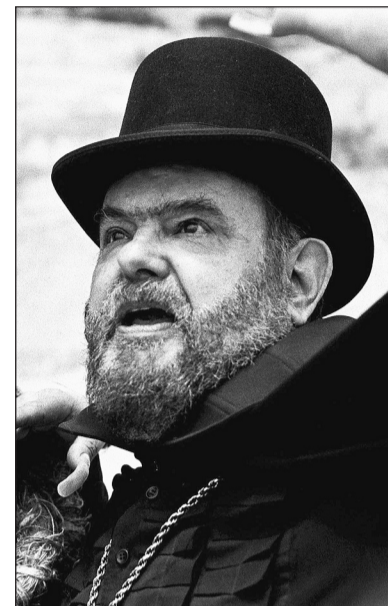
Mais do que um problema apontado por especialistas como sendo de saúde pública, para Mônica o suicídio é também uma questão social. Ela afirma ser um fenômeno multideterminado e reconhece as complexidades do assunto. Alerta para o fato de que o suicídio de uma pessoa pode motivar o de outras, sendo assim “contagioso”. Desta forma, existem normas que regulamentam a divulgação dos casos de suicídio. No entanto, Mônica argumenta que, na internet, os jovens e adolescentes estão encontrando um espaço para se expressarem e, por isso, defende que o assunto deveria ser mais discutido nas escolas e em outras instâncias da sociedade, pois o número de casos aumenta a cada ano, principalmente entre os jovens.

Entre os suicidas, Mônica encontrou um número expressivo de integrantes das tribos urbanas conhecidas como “góticos” e “emos”, sendo que muitos dos quais fazem apologia da morte. No trabalho de doutorado, ela pretende analisar o comportamento dessas tribos e identificar a relação de suicídio com as músicas ou práticas específicas que realizam.



A lingüista Monica Vasconcellos Cruvinel, autora da pesquisa: “Devemos olhar para internet como um espaço de escuta”

Fotos: Antonio Scarpinetti/Divulgação



José Mojica Marins, o Zé do Caixão, em cena de filme: levantamento detalhado

### A ‘história do horror’ nos filmes brasileiros

Estudo realizado por Laura Loguercio Cánepa identificou 132 filmes do cinema brasileiro que contêm elementos do gênero horror ficcional. A maioria é composta de obras de José Mojica Marins, o Zé do Caixão. Mas, até mesmo nas pornochanchadas, Laura observou abordagens do sobrenatural e aspectos que provocam medo. Os resultados constam da tese de doutorado “Medo de quê – uma história do horror nos filmes brasileiros” apresentada no Instituto de Artes (IA).

“Havia resistência à leitura do cinema brasileiro pelo viés do gênero nos estudos acadêmicos. Por isso, a minha proposta foi fazer uma releitura do cinema nacional na perspectiva do horror, visto que há algum tempo este tipo de leitura tem sido feita por muitos autores”, explica.

A pesquisa foi orientada pelo professor Nuno César de Abreu e traz um levantamento desde 1937, a partir do filme *O Jovem Tataravô* – primeiro que incorpora cenas de terror –, até o ano de 2007. Para a análise, Laura recorreu a dicionários de filmes e anuários. Por isso, ela assistiu a centenas de produções dos estilos mais variados. Neste sentido, o estudo permite incorporar aspectos do cinema popular, que por não ter características sofisticadas, são muitas vezes excluídos da historiografia.

Ela cita, inclusive, filmes cômicos em que também encontrou elementos de horror, como é o caso dos protagonizados pelos Trapalhões. Segundo Laura, assim como ocorre em outras categorias, as superproduções não são a marca do cinema ficcional de horror brasileiro. Vale destacar, segundo a pesquisadora, que uma das maiores produções dos últimos tempos foi realizada em 2006 e trata-se do filme *Encarnação do demônio*, feito por Mojica.

Em sua tese de doutorado, Laura também propõe um modelo descritivo para as configurações do horror ficcional no cinema brasileiro, e mostra um panorama histórico dos filmes. A pesquisadora explica que o horror é um dos gêneros mais estudados no mundo nos últimos 30 anos, se não for o maior. Outros gêneros bastante pesquisados são o *western* e o melodrama. (R.C.S)

## Cirurgia bariátrica pode afetar a saúde bucal, aponta pesquisa

Pesquisa realizada com 57 pacientes que passaram pela cirurgia bariátrica (redução do estômago), no Ambulatório de Obesidade Mórbida do Hospital das Clínicas da Unicamp, apontou índice de comprometimento da saúde bucal acima da média regional e da nacional nessa população. A constatação foi feita pela cirurgiã-dentista Beatriz Balduino Ferraz da Silva em sua dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Odontologia de Piracicaba (FOP). A pesquisa foi orientada pela professora Dagmar de Paula Queluz.

Segundo a pesquisadora, a necessidade de um acompanhamento especializado antes e após a cirurgia se faz necessário por vários motivos. Primeiro, porque o paciente que se submete ao procedimento necessita mastigar muito bem os alimentos devido à capacidade gástrica reduzida. O que Beatriz observou, no entanto, é que na amostra da pesquisa 87,7% dos pacientes apresentaram necessidade de prótese dentária. “Constatei a ausência de dentes ou próteses em condições inadequadas, o que pode levar a dificuldades na mastigação”.

Outro fator refere-se às condições pós-operatórias. Na maioria das vezes, a pessoa sofre com vômitos frequentes por um período. “Para eliminar o gosto ruim da boca, o paciente acaba escovando os dentes na sequência, quando na verdade o recomendado é utilizar soluções alcalinas para neutralizar a acidez salivar antes da escovação. A acidez amolece a superfície dos dentes, causando a erosão dental”, explica.

Além de fazer a avaliação clínica e identificar os principais



A cirurgiã-dentista Beatriz Balduino Ferraz da Silva: alerta para a necessidade de acompanhamento especializado

problemas dentários desses pacientes, a cirurgiã dentista também aplicou questionário avaliando a autopercepção que possuem da saúde bucal. Há relatos, destaca Beatriz, que a pessoa não procurava o dentista por conta do excesso de peso. “Eles diziam que tinham medo de sentar na cadeira e quebrá-la ou ainda passar por outros tipos de constrangimento pelo excesso de peso. Eles procuram o tratamento apenas em situações emergenciais, entre as quais quebra de dente ou dor”, esclarece.

A partir destes resultados, Beatriz destaca a importância de se incluir um

cirurgião-dentista na equipe multidisciplinar que realiza a cirurgia de redução de estômago. Para ela, tanto no pré quanto no pós-cirúrgico as orientações especializadas associadas à reabilitação protética poderiam auxiliar muito na redução dos índices de comprometimento e minimizar os riscos pós-operatórios a que esses pacientes estão sujeitos. Ela justifica argumentando sobre o aumento significativo deste tipo de intervenção no Brasil. Só o Hospital da Unicamp realiza quatro cirurgias por semana. (Colaborou César Maia, da FOP)